

Redes sociais, redes de sociabilidade

*Francisco Coelho dos Santos
Cristina Petersen Cypriano**

Resumo

As formas de sociabilidade que emergem nas redes sociais que compõem a Web 2.0, encontram importante lugar no Facebook. A eficiência desse serviço na constituição de redes se dá decerto pela natureza da tecnologia que utiliza. Contudo, se funda de modo especial na apropriação que os usuários fazem dela ao misturar similaridades e singularidades em gradientes de reserva e exposição de si. Daí o surgimento de formas de sociabilidade que colocam em risco alguns dos mais sólidos critérios de nossas concepções de mundo e de nós mesmos.

Abstract

The forms of sociability that emerge in social networks that make up Web 2.0, find important place on Facebook. The effectiveness of this service in the networking takes place certainly by the nature of the technology it uses. However, it is based especially on the appropriation that users make it to mix similarities and singularities in gradients of exposure and reserve of itself. Hence the emergence of forms of sociability that endanger some of the strongest criteria of our conceptions of the world and ourselves.

Palavras-chave

Redes sociais; sociabilidade; individualidade; subjetividade

Keywords

Social networks; sociability; individuality; subjectivity

A novidade costuma chegar com passos de pomba, no mais das vezes de mansinho, silenciosamente e sem alarde, como que pé ante pé. De resto, são bem raros os acontecimentos que deixam atrás de si os rastros ostensivos do “nada será como antes”. Essa discrição traz consigo algumas conseqüências importantes. Uma delas é que vai-se mudando sem saber que se está mudando, quase sempre sem sequer sentir a mudança. A percepção mais nítida da novidade só aponta de fato quando encorpam as controvérsias sobre os seus primeiros indícios ou sobre seus primeiros efeitos. Frequentemente até seu estatuto é objeto de incerteza: trata-se efetivamente de algo inédito ou não é senão o mais recente avatar do já

* Bolsista de doutorado da FAPEMIG – Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais.

existente? Ainda assim, mesmo quando as evidências de sua chegada se avolumam, tem-se enorme dificuldade em discernir nela o novo, aceitá-lo enquanto original e, com mais forte razão, visualizar suas feições, avaliar suas implicações. Aquilo que desde meados da década passada vem sendo chamado de Web 2.0 é disso um bom exemplo.

Resistente a uma definição que seja a um só tempo concisa e precisa, a Web 2.0 não é exatamente uma única tecnologia, mas um conjunto de softwares, de serviços e de funcionalidades reunidos e interligados de tal modo que constituem uma plataforma, que, como se sabe, é um ambiente computacional cuja infra-estrutura tecnológica é capaz de assegurar a facilidade de integração dos diversos elementos que compõem uma tal infra-estrutura. No caso presente, se está lidando com uma plataforma de interação capaz de engendrar coletivos online, razão pela qual ela também já foi chamada de *web relacional*, um termo de qualificação pleonástica — uma vez que é central para o chamado “paradigma das redes” a valorização das propriedades relacionais em detrimento do que é próprio àquilo que é relacionado —, necessário, entretanto, como se verá logo adiante. Com efeito, a Web 2.0 é basicamente caracterizada pela participação dos usuários, pela sua abertura para utilização e pelos efeitos de rede que produz. A participação se dá por meio de um sistema que estimula as relações, os compartilhamentos e as trocas entre os usuários, isto é, um sistema que incita a colaboração de quem quer que esteja disponível para entrar em interação com outros por intermédio da plataforma — fomentando aquilo que já tem sido chamado de “cultura da participação” (SHIRKY, 2010), “cultura expressiva” (ALLARD, 2007; TUFEKCI, 2008) ou “cultura participativa” (JENKINS, 2008), para não citar senão três das muitas expressões em voga, envolvendo as idéias de troca, compartilhamento e colaboração. Diferentemente dos softwares que habitavam as máquinas quando os computadores pessoais ainda não eram interligados em rede — os softwares proprietários, fechados na máquina para a qual haviam sido licenciados —, o que é típico da plataforma 2.0 é justamente a abertura, não só para o uso dos programas que ela combina, como ainda para o desenvolvimento dos aplicativos de que ela é formada. Finalmente, os efeitos de rede são o resultado da potência e da eficácia da conectividade; são eles que fazem crescer o valor de um produto ou serviço em consequência do aumento do número de utilizadores: usuários acrescentam valor na forma dos conteúdos que agregam à plataforma. Não deixa de ser notável que os *user generated contents*, como os denominam os anglófonos, sejam muito

freqüentemente uma contribuição benévola, de grande qualidade e de muita utilidade para inúmeros indivíduos — a exemplo da Wikipédia — indo, além do mais, na contracorrente de uma economia que se funda na noção de raridade. Esse modelo de contribuição, em todo caso, não sofre desgaste pela sua utilização. Bem ao contrário, pode ser melhorado por ela graças à intervenção dos usuários (SANTOS; CYPRIANO, 2011).

Assim, desde meados da primeira década do milênio os indivíduos têm à sua disposição um conjunto de dispositivos digitais cujo ajustamento é de operação bastante intuitiva e que convida seus usuários ao uso coletivo ou, ao menos, em condições de partilha. Por outras palavras, desde então os usuários da web podem tomar para si e explorar esse agrupamento de dispositivos bem adaptado ao uso repartido, que estimula a troca e a criação de conteúdos integrados e de interesse comum. E eles se apropriaram e se beneficiaram deles. Desse modo nasceram os blogs, os wikis, os sites de redes sociais (tais como o Orkut ou o Facebook), os sites de compartilhamento de músicas, imagens e vídeos (tais como o Flickr ou o YouTube), da mesma forma que alguns outros serviços e funcionalidades que estimulam a colaboração bem como a atividade coletivamente executada. Por conseguinte, se, por um lado, o desenvolvimento das tecnologias digitais produziu plataformas relacionais, isto é, ambientes informacionais adequados à participação e à colaboração, por outro, os usuários dessas tecnologias se encarregaram de — por uma contribuição ativa nos processos que se apresentavam a eles ou nos que eles inventavam —, criar modos originais de utilização dessas tecnologias. Nesse ponto é preciso evitar qualquer mal-entendido. Em vista disso, não é supérfluo insistir no fato de que as tecnologias não fazem senão o que seus usuários as fazem fazer do momento em que se apropriam delas; exclusivamente por suas próprias capacidades elas nada fazem, podendo mesmo ser utilizadas de maneiras muito diversas e com os objetivos os mais distintos. De sorte que, assim, vê-se com clareza como e porque certos pares dicotômicos outrora tão sólidos quanto incontornáveis — mas já enfraquecidos desde o nascimento da web — foram terminantemente desequilibrados e perderam todo ou quase todo o sentido de alguns anos para cá, desde que se impôs uma web relacional. Tal é o caso dos pares de opostos que punham frente à frente produtor e consumidor ou emissor e receptor, bem como o autor e o leitor ou o usuário ativo e o passivo, mas também a autoridade hierarquizada e a competência distribuída ou o profissional e o amador.

Por isso, nos últimos tempos, as facilidades operacionais que a internet oferece aos usuários, essas que são potencializadoras de interações entre os indivíduos em plataformas, associadas às apropriações delas por eles para fins de participação, de colaboração e de utilização compartilhada — ou seja, para estabelecimento de múltiplas formas de relação entre eles no interior de plataformas de interação online —, têm mudado o perfil da web de maneira significativa. Todavia, para além das novidades tecnológicas que contribuem decisivamente para a construção de novos quadros de referência para as ações individuais e/ou coletivas, as dinâmicas que se encontram em operação nesses quadros são primordialmente sociais e culturais. Se antes a utilização da rede era fundamentalmente instrumental, isto é, se ela era usada primordialmente como instrumento de colheita e difusão de informação, como ferramenta de tratamento e transmissão de dados, de textos, de sons ou de imagens, mostrando-se antes de mais nada como um utensílio particularmente fecundo para a pesquisa e o aprendizado, quando não era usada como um cômodo meio de consumo, agora, a ênfase nos operadores de participação coletiva e de colaboração entre os indivíduos têm feito com que os traços fortes de uma *web instrumental* se enfraqueçam em benefício dos de uma *web social*, na mesma medida em que o caráter de ferramenta útil da internet muito rapidamente tem cedido espaço a um caráter de utilização dela cujo traço distintivo é a formação de coletivos organizados sob o modo das redes sociais.¹ Coletivos que possuem a configuração de redes sociais online, das quais o Facebook talvez seja emblemático. Naturalmente, a entrada em cena dos dispositivos móveis e, com eles, a disseminação da informática ubíqua e da internet móvel, outra coisa não fez que intensificar essa mudança de ênfase na natureza da rede. O que se observa é um indivíduo que tende a estar cada vez mais tempo conectado — *always on*, como querem os anglófonos — em comunicação constante com aqueles com quem mantém relações, com as redes sociais de que participa, usando a conectividade recentemente adquirida para informar seus pares ou seus amigos sobre o que se passa com ele e no seu entorno, não raro com a riqueza de detalhes possíveis tão somente às testemunhas oculares.

É interessante observar, além disso, que a denominação Web 2.0 não se impôs senão após uma controvérsia cujos ecos ainda podem ser ouvidos nos dias que correm. Ocorre que,

¹ Embora à época da web dita instrumental existissem protocolos de comunicação na forma de salas de bate-papo, a exemplo dos IRC e mIRC, assim como mensageiros instantâneos, tais como ICQ ou MSN Messenger, esses protocolos tinham muito pouca importância no conjunto da web de então.

em ciência da computação ou em engenharia de software, o índice numérico que acompanha o nome de um documento qualquer — um software, por exemplo— é um sistema de codificação que tem por finalidade controlar e acompanhar a evolução do documento ao qual se refere; em outras palavras, ele pretende dar conta de uma história e um desenvolvimento. Esse sistema de controle de versão seria para muitos, e muitos entre os mais críticos, inadequado à denominação em apreço, não só porque uma plataforma não é apenas um documento ou um software, como porque não houve um desenvolvimento em fases que permitisse falar de Web “1.1”, “1.2”, “1.3” e assim por diante; não houve um desenvolvimento que pudesse, portanto, ter como etapa mais recente a Web 2.0. Essa designação terminou, contudo, por se estabelecer de maneira mais ou menos definitiva, criando uma situação curiosa: não raro a rede que conhecíamos anteriormente, a *web instrumental*, ganhou aqui e ali a qualificação de *Web 1.0*. Trata-se nessa situação do que, talvez a contragosto, se poderia chamar de *atraso originário* (DESCOMBES, 1975). Aqui a segunda não é aquela que vem depois da primeira, na qualidade de sua sucessora ou herdeira, prolongar uma linhagem criada pela primeira. Ela é, antes, essa retardatária que permite por suas próprias capacidades que a primeira seja primeira. Eis porque seu atraso é originário. Por intermédio da potência de seu atraso, ela dá à primeira as condições de sê-lo: ela é, de alguma maneira e paradoxalmente, quem vem primeiro, antes mesmo da primeira. Daí vem sua originalidade. Ela é, evidentemente, aquela que chegou com passos de pomba, “silenciosamente, por assim dizer, despercebida pelos sociólogos, que, sem questionar, continuam a coletar dados de acordo com as antigas categorias” (BECK, 1995, p. 14).

As novidades que ela traz não param, no entanto, por aí, e a avaliação delas não deve ser contaminada pelos debates infecundos entre tecnófilos e tecnófobos. É evidente que seria inteiramente improdutivo para os fins dessa pesquisa deter-se na polêmica que opõe os que pensam que a Internet acentua a atomização moderna dos indivíduos aos que apostam com segurança e ardor no caráter agregador das comunidades que a rede contribui para formar. Não seria menos estéril repisar nas discussões entre uns e outros sobre os riscos de fratura dos laços sociais eventualmente produzidos pela disseminação do uso da Internet no seio das sociedades modernas. Eis porque se mostra mais fértil a investigação que toma as diversas modalidades da web social para tentar entender que implicações elas têm na produção de práticas relacionais inovadoras. Os efeitos que elas ocasionam no que estamos habituados a

pensar como característicos do indivíduo ou da individualidade, do sujeito e das ressonâncias que elas têm para o que costumamos chamar a sua subjetividade. Ou a indagação sobre as relações entre o público e o privado num contexto em que todas as facilidades são concedidas aos membros das redes sociais para o exercício de novos modos de expressão de si. Ou, ainda, a busca de compreensão das possíveis transformações que tais modalidades engendram no que costumamos chamar de sociabilidade, freqüentemente pensada como ancorada apenas nas relações face a face. Porque a web social admite uma considerável quantidade de sites com perfis bastante distintos. Tanto há os serviços de trocas entre amigos ou entre amigos dos amigos, como há os que se fundam nas comunidades de gosto, de preferências ou de interesses. Tanto há plataformas de compartilhamento de produções que emanam dos membros da plataforma ou de mundos virtuais compartilhados, como há aquelas onde o compartilhamento de interesses comuns e a troca de informações sobre eles constituem a tônica das relações entre os participantes. E essas novidades têm enorme repercussão sobre os indivíduos e sobre suas relações. A esse propósito, deve-se dar atenção ao fato de que não somente as diferentes plataformas criam diferentes ambientes relacionais, como dão origem a maneiras diversas de enredamento dos membros conforme o estatuto dos indivíduos que se ligam, a natureza dos laços que os unem, o número de contatos que elas possibilitam ou a freqüência das trocas que elas fomentam. Em qualquer hipótese, todavia, nos sites de rede social, toda troca de informação é troca entre usuários do site, isto é, entre membros da rede social.

Algumas das principais implicações envolvidas na composição da web social se evidenciam uma vez identificados certos traços distintivos entre uma variedade de formas pelas quais os freqüentadores das plataformas exercem a abertura e a colaboração. Um primeiro traço distintivo pode ser notado entre os sites que abrigam as redes sociais e aqueles que, a exemplo do precursor Napster, do Kazaa e do 4shared, entre tantos outros, são conhecidos como “sites de compartilhamento”. Estes últimos absorvem, cada um a seu modo, um modelo de colaboração que marcou fortemente o começo do compartilhamento P2P (*peer to peer*, ou seja, entre pares). São serviços providos de uma ampla mediação tecnológica capaz de conectar seus usuários por meio de *uploads* e *downloads* de conteúdos digitalizados, principalmente músicas, mas também, textos, fotos, vídeos. Essa forma de partilha pode ser definida pelo caráter implícito da colaboração, ainda que se trate de uma

subjacência vital para a continuidade das trocas. Mesmo porque os sites de compartilhamento são fiéis aos efeitos de rede e se tornam tanto mais interessantes e eficazes quanto mais são utilizados. O notável nesses casos, entretanto, não diz respeito apenas ao potencial criador do uso, mas também e acima de tudo ao fato de que o uso se dá pela colaboração, ainda que seja uma colaboração “às cegas”, em que se poderia ignorar a participação dos outros não fosse por uma avaliação da qualidade dos conteúdos em jogo. Realiza-se, desse modo, uma curiosa fusão entre os princípios que regem a web social e aqueles que definem a web instrumental. Fusão que se desfaz nos sites das redes sociais, onde o interesse instrumental cede espaço para a crescente criação de laços sociais. O compartilhamento P2P assume configuração inteiramente outra na medida em que a colaboração se torna explícita e exige um mínimo de exposição dos indivíduos que a realizam, assim como um mínimo de domínio das complexas formas pelas quais podem se dar as relações sociais.

Impossível negligenciar a inserção da complexa dinâmica da vida social no âmbito da colaboração que se processa através das plataformas tecnológicas. Uma atenta análise realizada no Facebook — site exemplar de redes sociais online — permite observar o quanto isso implica em uma profunda alteração no que concerne ao comprometimento dos indivíduos que se envolvem nos processos. Os ares instrumentais que a troca assume nos sites de compartilhamento muito se devem à prevalência de “compromissos sem rosto”, para usar os termos de Giddens (1991) e Goffman (2010). A mediação tecnológica sustenta um ambiente de pura impessoalidade, onde os conteúdos objetos da partilha operam como uma espécie de “fichas simbólicas”, ou seja, como “meios de intercâmbio que podem ser ‘circulados’ sem ter em vista as características específicas dos indivíduos ou grupos que lidam com eles em qualquer conjuntura particular” (GIDDENS, 1991, p. 30). Tal impessoalidade é incompatível com as dinâmicas que são próprias às redes sociais online onde os “compromissos com rosto” dão o tom das interações. Variam largamente os gradientes de exposição pessoal, mas há sempre a “presença de um rosto”. Não é de se admirar que o Facebook contenha em seu nome o cerne de sua potencialidade, o de ser um *livro de rostos* onde cada um apresenta, de algum modo, sua face e onde todos podem ser apreciados em suas características singulares. O incremento dos perfis é, a propósito, uma tendência que só faz crescer nos últimos anos. De maneira que os conteúdos que são

partilhados adquirem coloração inteiramente pessoal. Pode ser uma notícia que foi lida em um portal jornalístico, um vídeo assistido no YouTube, um *post* retirado de um blog, o que importa é que a cada vez que o indivíduo leva aos círculos sociais que frequenta conteúdos que encontra na Internet e pelos quais tem algum tipo de apreço, ele expõe algumas de suas feições. Isso se dá pela expressão de interesses, gostos, preferências que ficam patentes nas escolhas que faz através do disperso material online. De caráter ainda mais manifesto é o compartilhamento de matéria proveniente da vida offline, como fotos, vídeos, narrativas, depoimentos, opiniões, dúvidas e mesmo pudores. Não é incomum que tais conteúdos ignorem fronteiras que oferecem algum tipo de resguardo à vida íntima ou privada. Mas, tamanha abertura para a publicação da privacidade não se dá à revelia dos olhares de quem participa da rede. Existe um empenho que é facultado aos compromissos com rosto: o de ser reconhecido no mesmo ato em que se concede reconhecimento ao outro. Tal empenho se revela no permanente cultivo de laços sociais.

Criar e manter laços sociais é atividade delicada, como se sabe. Exige atenção, habilidade, disposição, tato. Decorre daí muito do que se tem a compreender sobre a incrível adesão dos usuários que faz com que o Facebook desponte entre as redes sociais online mais frequentadas do mundo. O serviço atua como eficiente facilitador na formação de laços sociais. Tudo começa com um levantamento da totalidade dos usuários com os quais um indivíduo recém cadastrado já tenha estabelecido algum tipo de contato. Isso se faz pelo recurso ao histórico das trocas de email do utilizador que acaba de chegar (após obter seu consentimento, naturalmente). Por uma rápida operação tecnológica fica disponível ao novo usuário um catálogo de ofertas onde se encontram os nomes e as imagens dos perfis de indivíduos com os quais ele já trocou e-mail e que, como ele, estão ali para tecer laços sociais. Laços de amizade, vale lembrar, sempre. O fundamental nesse momento é que o catálogo de potenciais amigos se compõe por indivíduos que, de alguma maneira, são familiares para quem os recebe como opção. De forma que a visão dos perfis constitui uma espécie de reencontro. Por isso grandes surpresas, múltiplos afetos, interesses variados, ficam envolvidos no olhar para as faces que ali se dispõem. E não há impeditivo algum para a opção por “adicionar aos amigos” que é colocada logo abaixo de cada perfil. Ao contrário, basta um movimento muito simples, um click, para dar início a um novo laço social ou para atualizar algum anteriormente existente. Isso não antes, porém, de receber uma aceitação do

pretensão amigo. A reciprocidade nos laços que se tecem no Facebook é, afinal, um de seus traços distintivos em relação a outros serviços, como ocorre com o Twitter que comporta “elos direcionais”, ou seja, conexões que fluem em uma única direção — *followers* podem não ser seguidos por seus *followings* e vice-versa.

A exigência de reciprocidade que é posta pelo Facebook ajuda a fazer dele um ambiente onde se fica à vontade na medida em que seus freqüentadores podem se assegurar da qualidade dos laços que ali se formam. São todos amigos ou amigos de amigos. E quanto mais à vontade os indivíduos se sentem, mais compartilham suas singularidades, ao mesmo tempo em que os amigos só fazem se multiplicar. Isso porque, mais que um facilitador na confecção de laços sociais, o Facebook se tem revelado como um incorrigível fomentador de redes sociais. Superado o momento da chegada, há sempre novos amigos potenciais que são ofertados, com seus devidos perfis, cada qual com atrativos mais ou menos interessantes para os outros. Trata-se, em todo caso, dos atrativos de um antigo conhecido que ainda não havia sido encontrado entre os muitos freqüentadores. Ou, então, dos atrativos de um amigo de amigo. Há, ainda, aqueles desconhecidos com quem se tem vários amigos em comum, o que tende a ser, no mínimo, surpreendente. A comunidade de amigos é fator chave para a ampliação das redes sociais que se desenvolvem no Facebook. Fator que opera, se considerado por uma perspectiva tecnológica, através do emprego de alguns princípios que são centrais para a metodologia de análise de redes sociais, conhecida pela sigla SNA (*Social Network Analysis*). Ao apresentar a cada usuário os perfis dos amigos de amigos como opção de nova amizade, o serviço põe em prática a lógica reticular das “pontes” (GRANOVETTER, 1973). Isso significa dizer que, uma vez inserido no contexto da rede, um amigo em comum tem o potencial de criar pontes por onde emergem novos laços sociais. Todo indivíduo adquire tal qualidade na medida em que traça uma possível ligação entre outros indivíduos com os quais mantém algum tipo de relação, considerando que estes outros indivíduos não se conhecem e talvez nunca viessem a se conhecer caso não houvesse a mediação de um conhecido em comum.

É indiscutível a força propulsora que tal lógica operatória exerce na constante multiplicação dos laços sociais entre os utilizadores do serviço. Mas, não tão forte seria se esvaziada de vida. Pouco ou nada valeriam as pontes na ausência de algum comprometimento entre aqueles que se expõem através do mural que o Facebook

disponibiliza para cada usuário. O mural, como o próprio nome diz, é o espaço para a publicação de todo o material que o indivíduo compartilha com a rede. O serviço cuida de comunicar ao círculo social de cada usuário a inserção de um novo conteúdo. Como também comunica a criação de um novo laço, o “começo de uma nova amizade”, para usar os termos locais. Comunicados que ficam registrados no mural, junto a todos os comentários que os outros fazem em torno do material compartilhado. Essa espécie de memorando da trajetória individual pelo Facebook pode assumir variados graus de publicidade. Fica a critério do utilizador fazer uma escolha pelo acesso autorizado apenas a amigos ou, no outro extremo, pela irrestrita abertura do conteúdo, ou, ainda, pela intermediação dos amigos em comum, situação em que também os amigos de amigos ficam aptos a apreciar seu mural. No último caso, quando a lógica das pontes se faz altamente eficaz, os amigos em comum abrem caminho para a descoberta de possíveis afinidades entre indivíduos com quem já firmaram algum tipo de ligação. E as possibilidades de identificação entre as incontáveis singularidades se ampliam na mesma medida em que cresce a riqueza de detalhes pela qual cada um se expressa. Tais identificações podem decorrer no compartilhamento de fotos dos filhos ou de um fim de semana deleitável, como também na comunhão de um gosto musical e até mesmo na solidariedade de um estado de humor momentâneo. Uma vez esboçados pontos de afinidade entre duas singularidades, fica facultada a formação de um novo elo fundado em *homofilia* (WATTS, 2009; BOYD, 2009). Mas, para tanto é imprescindível que os integrantes das redes sociais levem adiante o investimento na ligação. O que envolve um convite para iniciar uma amizade, como também um comprometimento com os amigos fiadores da nova relação. Tal dinâmica encontra força vital na constante atração pelo laço social *per se* que se realiza na sociabilidade.

A sociabilidade é uma forma de relação social que dispensa propósitos exteriores a ela (SIMMEL, 1983). Nada se espera além do exercício sociável de estar junto com os outros e das satisfações que são provenientes disso. Não é por acaso que assuma um aspecto lúdico, uma vez que ser sociável se confunde com a recíproca busca no prazer do encontro. Ela faz valer o princípio segundo o qual “cada indivíduo deveria *oferecer* o máximo de valores sociais (de alegria, de realce, de vivacidade, etc.), compatível com o máximo de valores que o próprio indivíduo recebe” (SIMMEL, 1983, p. 172). Isso faz com que satisfação individual se veja atrelada à satisfação do outro. E a matéria privilegiada do

prazer sociável se recolhe em qualidades pessoais, tais como a simpatia, a amabilidade, o esmero. Acima de tudo, porém, é preciso ter tato para traçar os limites que regulam as reivindicações puramente subjetivas em relação aos atributos objetivos, que retiram a simetria dos laços sociais. Por tudo isso a sociabilidade se dá por uma abstração das diferenças objetivamente traçadas e pela expressão das qualidades pessoais que se mostram socialmente atraentes. É notável como as redes sociais que se desenvolvem no Facebook são afeitas à sociabilidade. Incorporam o caráter simétrico e lúdico que a define. O fazem, em grande parte, pelas características típicas do serviço. Todos são amigos, as trocas se fundam em compartilhamento, em comentário e no indelével “curtir”. Enquanto o compartilhamento prima pela disposição de material humano, onde todos se reconhecem de alguma maneira, os comentários reforçam os traços comuns e o fazem, no mais das vezes, efusivamente. Assumem aspecto de uma “conversação puramente sociável”, em que “o assunto é simplesmente o meio indispensável para a viva troca de palavras revelar seus encantos” (SIMMEL, 1983, p. 176). Ainda que a conversa não se dê por meio de palavras e frases, mas pelo uso de símbolos do teclado para expressar uma risada, uma aprovação ou um muxoxo, de modo que há sempre a exposição de uma habilidade para levar adiante a reciprocidade do vínculo. Muitas vezes os comentários que se desdobram em longas conversações nada manifestam senão a relação entre os envolvidos e a dedicação de cada um deles em cultivar tais relações. E na ausência de tempo ou criatividade fica dada a opção de simplesmente curtir aquilo que o outro traz para o fascinante jogo das relações sociais.

As redes de sociabilidade são, a propósito, muito receptivas às dinâmicas típicas de jogos. Tendem a incorporar tanto os jogos propriamente ditos, como também os “jogos sociais” no “sentido mais profundo” que Simmel atribui à expressão, ao considerar que “o duplo sentido de ‘jogo social’ é que o jogo não só é praticado em uma sociedade (como seu meio exterior), mas que, com ele, as pessoas ‘jogam’ realmente ‘sociedade’” (SIMMEL, 1983, p. 174). Isso significa dizer que os indivíduos se apropriam das formas de ação recíproca que são sociologicamente significativas para o coletivo que constituem e lhes imprimem coloração lúdica. Fazem isso ao abstrair as formas pelas quais exercem a interação de qualquer gravidade que lhes é rotineiramente adequada. Não há que se pensar, evidentemente, na prevalência do lúdico como algo que corresponde a uma espécie de irrealidade. O que ocorre é uma abstração de contextos em que o decurso das relações

sociais é carregado de densidade. Sinais do aspecto lúdico que acompanha os jogos da sociabilidade são o bom humor e a leveza, quando não o entusiasmo, continuamente reiterados nos comentários que se tecem entre os amigos de Facebook. Desse modo, fazem valer o curtir um ao outro como forma legítima de cultivo dos laços sociais.

Ainda mais evidentes ficam os jogos de sociedade que se servem dos vários aplicativos adotados pelas redes sociais. Os *Quizzes*, por exemplo, pelos quais são elaboradas e respondidas perguntas sobre a vida pessoal dos amigos costumam ser bem aceitos. Seu uso não somente autoriza a bisbilhotice como ainda redimensiona o estatuto do segredo como uma forma exclusiva de interação. Por sua vez, o aplicativo *TopFriends*, pelo qual se pode elencar a rede dos melhores amigos (até trinta e dois deles), elabora uma exposição indiscreta das predileções do usuário. Como de praxe, o faz aos olhos de todos os integrantes da rede que estão aptos a comentar e mesmo a se queixar de uma posição pouco privilegiada entre os amigos selecionados. Estes são apenas alguns exemplos entre os muitos que dizem respeito aos modos como os usuários se servem da lógica dos jogos para reafirmar algumas formas de ação recíproca que acolhem sem problemas, mas também e em grande medida, para redefinir outras que parecem não encontrar lugar nas redes sociais online. Aparentemente inconseqüentes, os jogos sociais que se inserem nas dinâmicas das redes contêm potencial criativo capaz de fazer surgir novas formas de constituição de coletivos.

A própria sociabilidade é uma forma de relação social que apresenta nova configuração. De acordo com Castells, a questão decisiva para a transformação da sociabilidade está no “deslocamento da comunidade para a rede como forma central de organizar a interação” (CASTELLS, 2003, p. 106), uma vez que isso implica “no surgimento de um novo sistema de relações sociais centrado no indivíduo” (CASTELLS, 2003, p.108). O ponto forte de tal diagnóstico diz respeito à idéia de que, em rede, os círculos sociais se tornam personalizados. Certamente não é habitual encontrar réplicas de círculos sociais no Facebook, como também em outros sites de rede social, uma vez tomada a perspectiva da página do usuário. Por mais que existam as grandes somas de amigos em comum fica notável uma tendência à personalização dos coletivos de relação social. Torna-se cada vez mais complexa a tarefa de delimitar conjuntos de indivíduos a partir de categorias vinculadas a lugar ou a parentesco. Há, no entanto, um ponto fraco no mesmo

diagnóstico que talvez se justifique pela época em que foi realizado. Em 2001, ano da publicação do estudo, parecia lógico compreender o processo de personalização como uma “privatização da sociabilidade” (CASTELLS, 2003, p.108). Se vivia, então, o momento da web instrumental como forma de relação social online. Ainda não se contava com a efervescente publicação de material proveniente da vida privada que teve início nos blogs e que adquire legitimidade nos sites de redes sociais. A nova forma da sociabilidade que emerge desde então desafia os limites que demarcam fronteira entre a vida pública e a vida privada no mesmo movimento em que desafiam qualquer interpretação do fenômeno que se volte para apenas uma direção.

A web social coloca em questão a rigidez dos “limiões da sociabilidade” que haviam sido observados por Simmel. Trata-se do sutil limite que afasta das relações sociáveis, por um lado, todos os atributos objetivos que os indivíduos trazem consigo (posição social, formação intelectual, fama) e, por outro, seus traços subjetivos mais genuínos e profundos (caráter, disposição, interesse). O respeito a tais limites faz peculiar o ser sociável, ele “não existe em lugar nenhum, a não ser nas relações sociáveis” (SIMMEL, 1983, p. 174). Pois, transpostos os limiões “superiores e inferiores” do indivíduo que distinguem entre as dimensões puramente objetivas e subjetivas da vida, a sociabilidade perde o lugar de princípio formador de coletivos e se torna um mero meio para finalidades outras. A apropriação instrumental dos produtos da colaboração “sem rosto” se baseia nesse tipo de deslocamento. O mesmo não se pode dizer a respeito das trocas “com rosto” em que a partilha se nutre de matéria humana (qualidades pessoais) no infatigável cultivo do laço social. Embora ainda se encontre na web inúmeras interações de caráter instrumental, o empenho em garantir o mútuo prazer que provém das relações sociais tem marcado fortemente as atitudes dos integrantes das redes sociais online. De modo a fazer delas, verdadeiras redes de sociabilidade.

É também no bojo das atitudes dos frequentadores dos sites de rede social que se faz notar uma deformação da sociabilidade. Ao expressar suas características singulares com riqueza de detalhes os indivíduos afrouxam os limites entre a vida puramente subjetiva e objetiva. E fazem isso em busca das similaridades pelas quais se tecem os elos, gerando uma dinâmica em que singularidade e similaridade se convocam mutuamente. Quanto mais os vários indivíduos expõem suas feições objetivamente traçadas e aquelas que são

profundamente sentidas, mais fazem valer os laços que os ligam entre si. Estão envolvidos, afinal, em uma partilha que não provoca nenhum tipo de esgotamento, considerando que “quando oferecemos ao nosso entorno social a imagem de nossa personalidade, ao acolher em nós mesmos aquela dos outros, essa troca de maneira alguma reduz a posse de si” (SIMMEL, 1987, p. 54). Dessa maneira se inserem em um processo de legitimação intersubjetiva que torna “objetivamente acessível e subjetivamente plausível” (BERGER; LUCKMANN, 1987, p. 127) as novas formas de sociabilidade que estão ali sendo criadas. A *plausibilidade* garantida pela entrada em ação do indivíduo em toda sua complexa singularidade traz sentido de totalidade para o emaranhado de diferenças que se ligam umas às outras. As redes de sociabilidade online se tornam plausíveis. E, de modo indissociável à emergência de uma nova forma de constituição de coletivos, uma possível nova forma de individualidade se vê emergir. Isso se dá na medida em que a biografia individual passa a integrar os novos modos de expressão de si e de recepção do outro.

Para além das novas formas de sociabilidade outras mudanças ocorrem nas novas redes sociais que habitam a internet e que têm em comum um mesmo a priori tecnológico — a web como plataforma, a web relacional, participativa. Tal *a priori* tecnológico as torna capazes de operar por difusão e cumplicidade horizontal, de forma descentralizada e interativa, com grande poder de disseminação no interior dos coletivos que agrega. Criam-se, assim, espaços de troca e compartilhamento entre indivíduos, que, em princípio, são parceiros na animação desses espaços, qualquer um deles estando em condições de tomar a palavra, e fazer uso de seu poder de enunciação para o público formado por seus pares. Não raro essa tomada de palavra virá acompanhada de farto material sonoro e de imagens, fixas ou em movimento. O Facebook, mas também o MySpace, fornecem certamente exemplos privilegiados dessa expansão das possibilidades de expressão e atuação no domínio do espaço público.

Evidentemente, esse alargamento de possibilidades não deve ser supervalorizado, uma vez que os enunciados, ainda que de domínio público, encontram sua audiência nas redes que são sensíveis a eles, poucas vezes sensibilizando grandes partes da teia de redes que constitui o serviço. “Decerto eles [os participantes das redes sociais] falam em público, admite Dominique Cardon. Mas a seus olhos, esse público, sem possuir uma fronteira absolutamente estanque, está limitado a uma zona de interconhecimento, um lugar mais ou

menos fechado, um território que conservará as palavras em seu próprio perímetro, antes de deixá-las evaporar” (CARDON, 2009, s/p.). Seja lá como for, um site de rede social como o Facebook oferece uma importante margem para a manifestação pública do aderente ordinário do site. Com isso, aumenta de modo considerável a expressividade, tanto quanto a subjetividade da participação dos membros da rede. A enunciação na primeira pessoa, o uso intenso de tonalidades afetivas diversas — do mesmo modo que uma frequência inusitada de enunciados exclamativos —, a presença forte da veemência e do entusiasmo nas trocas, até quando envolvem um raciocínio lógico ou argumentativo, e outras tantas marcas do mesmo gênero traem essa subjetividade na mesma medida em que a expressividade envolvidas nas manifestações dos membros das redes (ALLARD; VADERBERGUE, p. 2003). Atravessada pelo caráter pessoal, contaminada pelos traços fortes de uma expressão de si, essa tomada de palavra desequilibra as formas consagradas de intervenção no espaço público, introduzindo um relevante elemento de porosidade na superfície que tradicionalmente separa o público do privado: as formas antes reconhecidas e os lugares antes dedicados a essa intervenção são, em boa medida, deformadas e deslocadas, ainda que, como no caso de jornalistas ou políticos, a obediência às regras da neutralidade e da ponderação devesse ser observada com atenção.

Facebook, como outras redes sociais online abre igualmente espaço para o exercício de uma forma nova de mediação, na qual a figura do mediador privilegiado — aquele que poderia ser chamado de especialista do interesse público ou do bem comum — perde muito de seu poder como *expert*, reconhecido como tal em um dado domínio da experiência, em benefício de membros comuns dessas redes ou de coletivos de membros delas, que são possuidores de expertise nesse mesmo domínio e colocam sua competência à disposição de seus pares. O espaço público da internet se torna desse modo um lugar de encontro de aptidões, de confronto de dados de fato, de verificação de informações, tudo isso acionado por uma nova forma de mediação, aquela que é feita pelos próprios pares. Não se pode desconsiderar, além disso, que esses sites de encontro e de interações dos indivíduos, esses ambientes de expressão pública de subjetividades, dão lugar a formas inovadoras de debate público, na medida em que, uma vez publicada, a informação é objeto de toda a sorte de comentários, correções, adendos, modificações, transformando a esfera pública num local

em que coletivos discutem as questões que são de seu interesse, sem as limitações costumeiras impostas pelo tempo e pelo espaço.

A prática do envio de mensagens privadas em público é comum nos sites de redes sociais. Apesar de o Facebook ter um serviço de envio de mensagens eletrônicas — um tipo de conexão híbrida entre MSN ao serviço e-mail, ainda muito utilizados, embora sejam sobreviventes de outros tempos da web — que vão de pessoa a pessoa, diretamente e ao abrigo de outros olhares que não sejam o de seu destinatário, bom número de mensagens pessoais são enviadas como se fossem “cartas abertas”, visíveis e legíveis por todos os membros da esfera de relações dos correspondentes. Trata-se, aqui, de uma evidente objetivação da subjetividade para todos aqueles que têm acesso a esse material pessoal. Por outras palavras, quando uma correspondência multidirecional toma o lugar de uma unidirecional, esse fato outra coisa não faz senão pôr em destaque a porosidade da superfície de separação público-privado nesse ambiente. Isto nos leva a pensar que a esfera pública e a privada estão, no mínimo, passando por um processo de interpenetração ou de sobreposição; se é que as fronteiras que antes as separavam não estão sendo reconfiguradas, reconstruídas de uma forma que ainda não se estabilizou e que, por conseguinte, não possui, ainda, um perfil nitidamente definido. “O que outrora era endereçado a canais diferentes, observa Dominique Cardon a esse respeito, a comunicação interpessoal, por um lado, e a tomada de palavra pública, por outro, é doravante (parcialmente) reunificado pelos indivíduos num processo de fabricação identitária que associa a relação a si e a relação com o mundo” (CARDON, 2009, s/p.).

Não se pode deixar de levar em consideração que é muito freqüente encontrar nos perfis ou nos murais de inúmeros participantes das redes sociais online dados biográficos, fotos e vídeos que dizem respeito a sua vida privada, isto é, todo esse manancial de informações — por vezes interno aos contornos da vida íntima deles — foi disponibilizado pelos próprios autores/atores desse material. E isso foi realizado de modo tão voluntário quanto a postagem pública de correspondência privada, razão pela qual é razoável pensar que, para muitos, há interesse, talvez mesmo necessidade ou prazer em tornar pública a sua vida privada. Tem-se, por conseguinte, boas razões para crer que, para além da mera confusão de esferas (pública e privada), magnífica em sua inconseqüência, estamos diante

de novas modalidades de expressão de si propiciadas pelas redes sociais online. E que essas novas modalidades estão longe de ser algo como a inconseqüência.

As novas modalidades de expressão de si que as redes sociais online potencializam têm sido diversamente analisadas e apreciadas. Apesar do evidente caráter relacional que elas manifestam, não é raro encontrar-se análises que procuram compreender o fenômeno pelo viés da busca de celebridade (ainda que de proporções muito reduzidas) por parte dos indivíduos ou que tentam compreender a expressividade que elas demonstram através de mecanismos psicológicos, para isso privilegiando o narcisismo de seus autores como o elemento motivador da ação. Dessa forma, uma prática relacional realizada pelo membro comum dessas redes, que envolve um processo de subjetivação sempre dirigido ao outro e à procura de uma recepção favorável, passa a ser acionada pela tentativa de obtenção de alguns minutos de fama na rede ou, o que é mais sério, passa a ser observada por um olhar patologizante que pretende descobrir no distúrbio afetivo a razão de ser de um exercício eminentemente relacional. Ora, é indiscutível que, no Facebook ou em outras redes aparentadas com ele, correm caudalosos fluxos de vida de relação, na medida em que os bens e os produtos que as irrigam são poderosos instrumentos de afiliação a elas e de confirmação disso pelos outros membros; são os pares que, na verdade, estimam e valorizam a participação de cada um nelas. A rede dos “próximos”, de “gente como a gente”, é percebida como suficientemente competente para fornecer a observação atenta, o comentário apropriado ou a interpretação esclarecedora. Aquilo que é oferecido aos olhos dos amigos — e, em escala minúscula, aos dos amigos dos amigos — tem por objetivo obter o reconhecimento, a aprovação e a legitimação intersubjetivos de que se precisa.

Nas redes de sociabilidade online os membros se tornam conhecidos pelas mesmas características costumeiramente utilizadas para a identificação dos indivíduos na vida offline, a saber, sua fotografia, sua idade, seu gênero, sua atividade profissional, e assim por diante. O que os sites de redes sociais acrescentam de novidade a esses signos indicativos de identidade é a possibilidade de disponibilizar neles um sem número de outras informações e traços individuais que servem para consolidar as marcas identitárias dos participantes. Assim é que, visando a rede de amigos que se possui, todo tipo de informação ou comentário postado, todo tipo de bem cultural a que é oferecido acesso, concorre para aumentar a visibilidade do indivíduo e enriquece seus índices de identificação. Essas

contribuições se tornam, por conseguinte, importantes operadores de aceitação pelos outros e de pertencimento ao grupo de amigos. Um interessante processo é, então, desencadeado pelas trocas entre pares. Por um lado, um certo número de traços identitários agrega indivíduos que possuem afinidades e, por outro, essa aproximação afinitária freqüentemente é acompanhada pelas demonstrações de distinção, das inevitáveis diferenças entre pares. Seja lá como for, esse movimento ambíguo de identificação e distinção com relação aos outros está a serviço da produção de vínculo social. A indecisão que se estabelece entre identidade e diferença é fundamentalmente relacional.

Pensa-se freqüentemente o indivíduo a partir de um certo número de características distintas, não raramente emparelhadas, tais como são autonomia e independência, posse de direitos e de deveres, liberdade de escolha e obediência aos códigos coletivos, entre outras. Além disso, quase sempre se considera que a consolidação da modernidade se faria *pari passu* com uma intensificação dessas características. Ora, no interior das redes sociais online, tudo se passa como se estivéssemos sendo testemunhas de uma nova experiência da individualidade, talvez ainda sem uma nítida figura de conjunto que permitisse traçar uma delimitação precisa. Uma coisa parece garantida, em todo caso, esse indivíduo de natureza incerta que encontramos nas redes sociais online, possui uma identidade bastante interessante. Na constituição de sua identidade no seio dessas redes, na apropriação de si mesmo que se faz nos sites relacionais, na definição daquilo que lhe é próprio, ele opera por algo como uma expropriação constitutiva. Dito de outro modo, o processo de apropriação de si mesmo não se faz sem a fundamental intervenção do outro no próprio âmago da identidade. Nessas condições, não se pode falar de subjetividade ou de interioridade do sujeito como sistemas autônomos, uma vez que elas não podem ser como são senão às custas da presença do outro como uma espécie de refém seu. Nesse contexto, uma tal afirmação não constitui em absoluto uma negação ou uma desqualificação da identidade dos indivíduos que povoam as redes sociais online. Trata-se, aqui, de considerar que o outro que se faz hóspede do idêntico é fonte de diferenciação, fonte de identidade. Para esse último é, por conseguinte, fonte de vida.

Referências bibliográficas

ALLARD, Laurence & VANDERBERGUE, Frédéric. “Express Yourself ! Les pages perso entre légitimation techno-politique de l’individualisme expressif et authenticité réflexive peer-to-peer”, *Réseaux*, n°117, 2003.

- ALLARD, Laurence. “Émergence des cultures expressives, d’Internet au mobile”, *MédiaMorphoses*, nº 21, 2007.
- BECK, U., GIDDENS, A. & LASH, S. *Modernização reflexiva*. São Paulo, Ed. da UNESP, 1995.
- BERGER, Peter L. & LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis, Editora Vozes, 1987.
- BOYD, Danah. “Streams of content, limited attention : the flow of information through social media”. *Web 2.0 Expo*, New York, november, 17, 2009.
- CARDON, Dominique. “Vertus démocratiques de l’Internet”, 2009. Disponível em <<http://www.laviedesidees.fr/Vertus-democratiques-de-l-Internet.html?lang=fr> >. Acesso em: 05 mar. 2011.
- CASTELLS, Manuel. *A galáxia da internet*. Rio de Janeiro, Zahar, 2003.
- DESCOMBES, Vincent. *Le même et l’autre*. Paris, Ed. de Minuit, 1979.
- GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo, Editora UNESP, 1991.
- GOFFMAN, Erving. *Comportamento em lugares públicos*. Petrópolis, Ed. Vozes, 2010.
- GRANOVETTER, Mark S. “The strength of weak ties”. *American Journal of Sociology*, vol. 78, nº6, may 1973, pp. 1360-1380.
- JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. São Paulo, Aleph, 2008.
- MORAES FILHO, Evaristo. (Org.). *Georg Simmel: sociologia*. São Paulo, Ed. Ática, 1983.
- SANTOS, Francisco C. & CYPRIANO, Cristina P. “Blogs e wikis: duas formas de colaboração em redes sociais”, *Revista Ciência em Movimento*, nº 26, julho de 2011, pp. 7-19. Disponível em http://www.metodistadosul.edu.br/ciencia_movimento/conteudo_edicao.php?cod=122368&data=2011-08-12. Acessado em 26/08/2011.
- SHIRKY, Clay. *A cultura da participação*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2010.
- SIMMEL, Georg. “Sociabilidade, um exemplo de Sociologia Pura ou Formal”, in: MORAES FILHO, Evaristo. (Org.). *Georg Simmel: sociologia*. São Paulo, Ed. Ática, 1983.
- SIMMEL, Georg. *Philosophie de l’argent*, Paris, PUF, 1987.
- TUFEKCI, Zeynep (2008). “Grooming, Gossip, Facebook and Myspace”, *Information, Communication & Society*, vol. 11, nº 4.
- WATTS, Duncan J. *Seis graus de separação*. A evolução da ciência de redes em uma era conectada. São Paulo, Leopardo Ed., 2009.